



A promessa do senador: "Esses marginais do Banco Central vão cair de podres"

ACM declara guerra ao BC

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) entregará na segunda-feira ao Ministério Público documentos que, segundo ele, provam as ligações do presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, e outros diretores do BC, com empresas de assessorias, principalmente de São Paulo. Ele quer a apuração das denúncias de que Loyola e os di-

retores teriam feito tráfico de influência dentro do Governo. Um dos citados no dossiê é o ex-ministro Mailson da Nóbrega, nomeado ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso para presidir a Comissão de Reforma do Estado. Antônio Carlos, que na véspera estivera com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e com o próprio Fernando Henrique, não cobrou demissões.

— Não desejo que nenhum desses marginais caia por minha causa, para que eu não

seja responsável por suas demissões. Eles vão cair por si próprios e vão cair de podres.

Embora tenha afirmado que sua conversa com Fernando Henrique — também participou o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães — foi cordial, pessoas ligadas ao senador disseram que foi tensa, marcada por observações duras sobre as últimas crises.

— Fui ao presidente levar a indignação de todos os políticos atingidos por essa levianidade e que exigem que a verdade seja apurada

em todas suas dimensões — disse o senador.

Antes de reunir-se com o presidente, ele esteve com Malan, a quem manifestou também sua indignação com o comportamento dos dirigentes do BC, subordinados do ministro.

— Estão dizendo que você mandou vaziar isso para atingir o Serra — brincou o senador, referindo-se ao fato de o ministro José Serra também estar na lista encontrada pelos diretores do Banco Central na chamada pasta "cor-de-rosa" do Banco Econômico.

O GLOBO — O senhor pediu as cabeças do presidente do Banco Central e de outros diretores do BC?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES — Não chegou a ser necessário. Mas confesso que torci para que não caíssem.

O GLOBO — Por quê?

ANTÔNIO CARLOS — Se fossem formalizadas as demissões diriam que era por culpa minha. Não quis repetir o episódio da intervenção do Banco Econômico, quando insinuaram responsabilidades minhas. Politicamente, para mim, não interessa agora a queda desses marginais.

O GLOBO — Como o presidente reagiu à sua indignação?

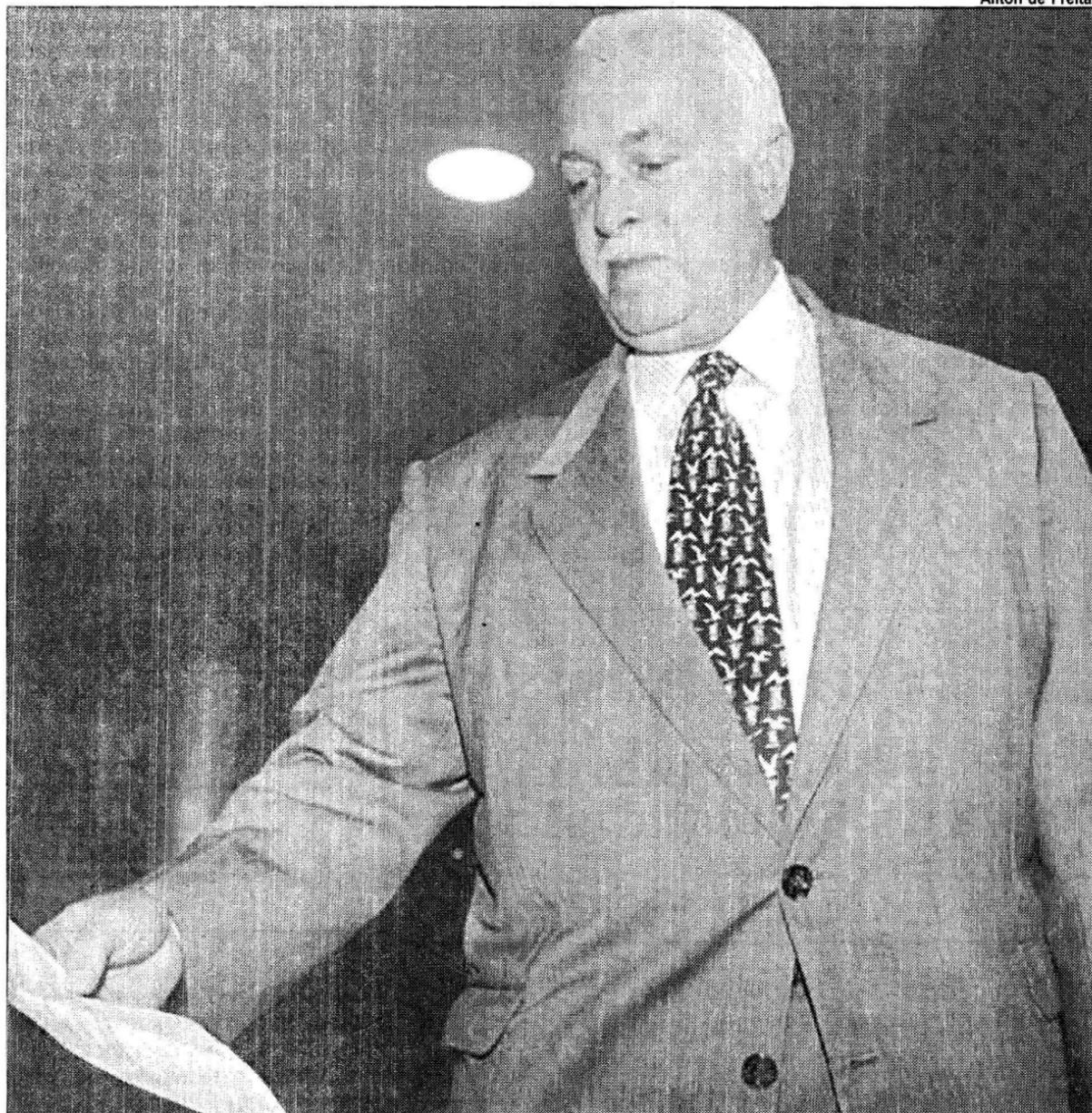
ANTÔNIO CARLOS — Ele disse que o procurador deu a real dimensão ao episódio provocado pelo Banco Central.

O GLOBO — E o ministro Pedro Malan?

ANTÔNIO CARLOS — Tivemos uma conversa muito franca e cordial. Ocorre que as pessoas que deveriam ter poder sobre o Banco Central infelizmente não têm porque esse, como outros órgãos do Governo, é muito independente.

O GLOBO — E isso é ruim?

ANTÔNIO CARLOS — A independência de determinados órgãos é ruim para o próprio Governo porque afeta sua autoridade.



Antônio Carlos Magalhães: 'As pessoas que deviam ter poder sobre o Banco Central infelizmente não têm'

fico de influência no Banco Central?

ANTÔNIO CARLOS — Assim como o Banco Central tem seus documentos, eu tenho os meus. Então vamos ver quem realmente é finan-

ciado e por quem. Desafio esses marginais a fazer qualquer ação contra mim.

O GLOBO — Na sua interpretação, por que eles teriam vazado essa lista?

ANTÔNIO CARLOS — Para denegrir pessoas que nada têm a ver com o episódio porque só assim eles conseguem disfarçar as coisas irregulares praticadas dentro do Banco Central.

Sub rosa

O CHAMADO escândalo da pasta rosa — lista de políticos que teriam recebido doações do Banco Econômico durante a campanha eleitoral de 1990 — é mais uma prova de que todo segredo tem seu risco e seu preço.

EJÁ era tempo de que se aprendesse em Brasília que o sigilo é pai natural do vazamento.

ÉFATO que a Justiça nada tem a fazer, uma vez que a lei eleitoral, na época, era falsamente severa: proibia doações individualizadas mas não estabelecia punição.

POR outro lado, a se respei-

tar a intenção do legislador, é preciso concluir que o erro não estava na proibição, mas na falta de castigo. E que sempre existem sanções fora dos códigos, a cargo da opinião pública e do eleitorado.

POR isso, a inexistência de pena não é alibi suficiente para o sigilo.

EA revelação espontânea, no momento em que a pasta rosa chegou às mãos do Governo, poderia dar ao escândalo proporções mais modestas e certamente emprestaria credibilidade à defesa dos indevidamente citados.

FH: Governo não aceita pressões

BRASÍLIA — Através do porta-voz do Planalto, Sérgio Amaral, o presidente Fernando Henrique Cardoso mandou um recado aos políticos que reagiram contra a divulgação das informações da pasta cor-de-rosa.

— O presidente não recebeu, nem aceita pressões a membros do Governo. E isso se aplica também a diretores e ao presidente do Banco Central — advertiu o porta-voz.

Segundo Amaral, o presidente só teria sabido da pasta no último dia 6, através de uma revista. De Punta Del Leste, de onde chegou anteontem, Fernando Henrique teria orientado o presidente do BC, Gustavo Loyola, a levar os documentos para a Procuradoria-Geral da República.

— O presidente não é policial, nem investigador. O procurador-geral é que deverá fazer o que

for necessário. O ministro da Fazenda está preocupado com o vazamento do BC, mas esta não é questão da Presidência — enfatizou Sérgio Amaral.

O porta-voz negou ainda que exista atrito entre os ministros da Fazenda, Pedro Malan, a quem Loyola está subordinado, e do Planejamento, José Serra, citado como um dos políticos que teriam recebido recursos do banqueiro Ângelo Calmon de Sá, que presidia o Econômico.

O prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, que esteve ontem com Fernando Henrique se disse espantado com a repercussão do assunto na mídia.

— Se algum político disser que foi eleito sem gastar dinheiro, estará mentindo. Faz parte da democracia e do capitalismo ter no Congresso representantes de banqueiro — disse Maluf.